



Turismo - Visão e Ação

ISSN: 1415-6393

luiz.flores@univali.br

Universidade do Vale do Itajaí

Brasil

Noronha Pereira, Luciana; dos Anjos, Francisco Antonio; Vieira, Rafaela
DESTINAÇÕES TURÍSTICAS NA AMAZÔNIA: AS RELAÇÕES ENTRE MORFOLOGIA
URBANA E ATRATIVIDADE DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA

Turismo - Visão e Ação, vol. 14, núm. 3, septiembre-diciembre, 2012, pp. 419-435

Universidade do Vale do Itajaí

Camboriú, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261056075010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DESTINAÇÕES TURÍSTICAS NA AMAZÔNIA: AS RELAÇÕES ENTRE MORFOLOGIA URBANA E ATRATIVIDADE DA DESTINAÇÃO TURÍSTICA¹

TOURIST DESTINATIONS IN THE AMAZON: THE RELATIONSHIP BETWEEN URBAN MORPHOLOGY
AND ATTRACTIVENESS OF THE TOURIST DESTINATION

DESTINACIONES TURÍSTICAS EN LA AMAZONIA: LAS RELACIONES ENTRE MORFOLOGÍA
URBANA Y ATRACTIVIDAD DE LA DESTINACIÓN TURÍSTICA

Luciana Noronha Pereira

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina
Mestra em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí
Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará

Francisco Antonio dos Anjos

Pós-doutor em Geografia Urbana na Universidade Estadual Paulista - UNESP- Campus de Presidente Prudente
Doutor em Engenharia de Produção/Gestão Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina
Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina
Graduado em Geografia pela Universidade do Vale do Itajaí

Rafaela Vieira

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina
Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina
Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina

Data de Submissão: 27/03/2012

Data de Aprovação: 13/08/2012

RESUMO

A sustentabilidade de uma destinação turística tem uma relação intrínseca com a manutenção e/ou melhoria das características e dos atributos que despertaram o interesse do mercado turístico e (o olhar) do turista. Uma destas características é a Morfologia Urbana, que combina elementos naturais e construídos caracterizando a configuração da paisagem local. A pesquisa tem como objetivo compreender como a Morfologia Urbana interfere na atratividade de uma destinação turística da região amazônica, a Vila de Alter do Chão, em Santarém (PA). A metodologia caracteriza-se pelo método de procedimento de estudo de caso e técnicas de documentação (indireta e direta, incluindo a observação intensiva por meio de entrevistas), agregando-se estratégias para a compreensão espacial a partir das categorias e dos elementos morfológicos do espaço. O imaginário dos turistas sobre as destinações amazônicas aparece relacionando características, tais como grandes extensões de áreas naturais preservadas, pequenos aglomerados urbanos ribeirinhos, características rústicas, pequena densidade populacional e construída, gabaritos baixos, construções em materiais regionais, entre outros. Também foi identificada uma tendência à progressiva diminuição do interesse turístico pela Vila, em decorrência à progressiva perda das características por eles consideradas tradicionais.

¹ O presente artigo constitui-se em versão revisada e expandida de outro intitulado "Morfologia Urbana e Atratividade de Destinações Turísticas na Vila de Alter do Chão (Santarém-PA)", avaliado pelos pares e publicado nos Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), realizado no Rio de Janeiro, em 2011.

This article consists of revised and expanded version, from the othertitled "Urban Morphology and Attractiveness of Tourist Destinations in the village of Alter do Chao (Santarém-PA)", judged by peers and published in the Proceedings of the XIV National Meeting of the National Association Postgraduate and Research in Urban and Regional Planning (ANPUR), held in Rio de Janeiro in 2011.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Urbana. Espaço Turístico. Percepção. Atratividade.

ABSTRACT

The sustainability of a tourist destination is closely related to the maintenance and/or improvement of characteristics and attributes that attract the interest of the tourist market and (the look) of the tourist. One of these features is the Urban Morphology, which combines natural and built elements, characterizing the configuration of the local landscape. This research seeks to understand how the Urban Morphology influences the attractiveness of a tourist destination in the Amazon region, the village of Alter do Chão, Santarém (PA). The methodology is characterized by the case study method, documentation techniques (direct and indirect) and intensive observation (through interviews), gathering strategies for the spatial understanding, based on the categories and the morphological elements of the space. The tourists concepts of the destinations of the Amazon appears to combine several characteristics, such as large tracts of preserved natural areas, small urban coastal, small villages along the riverbanks, low population density and built density, low construction profile, buildings made from local materials, among others. A trend was also identified towards a gradual decrease in tourist interest in the tourism destination studied, due to the gradual loss of the characteristics considered traditional by these tourists.

KEYWORDS: Urban Morphology. Tourist Space. Perception. Attractiveness.

RESUMEN

La sostenibilidad de una destinación turística guarda una relación intrínseca con la manutención y/o mejoría de las características y de los atributos que despertaron el interés del mercado turístico y (la mirada) del turista. Una de estas características es la Morfología Urbana, que combina elementos naturales y construidos caracterizando la configuración del paisaje local. Esta investigación tiene como objetivo comprender cómo la Morfología Urbana interfiere en la atraktividad de una destinación turística de la región amazónica, la Villa de Alter do Chão, en Santarém (PA). La metodología se caracteriza por el procedimiento de estudio de caso y técnicas de documentación (indirecta y directa, incluyendo la observación intensiva por medio de entrevistas), agregando estrategias para la comprensión espacial a partir de las categorías y de los elementos morfológicos del espacio. El imaginario de los turistas sobre las destinaciones amazónicas aparece relacionando características tales como grandes extensiones de áreas naturales preservadas, pequeños aglomerados urbanos ribereños, características rústicas, pequeña densidad poblacional y construida, instalaciones bajas y construcciones en materiales regionales, entre otros. También fue identificada una tendencia a la progresiva disminución del interés turístico por la Villa como consecuencia de la progresiva pérdida de las características por ellos consideradas tradicionales.

PALABRAS CLAVE: Morfología Urbana. Espacio Turístico. Percepción. Atraktividad.

1 INTRODUÇÃO

A atividade turística é imbuída e permeada por relações e fenômenos sociais de características não lineares e complexas, que envolvem múltiplas variáveis e atores sociais. Assim, alguns autores têm questionado a utilização de ferramentas e métodos de planejamento tão lineares e pouco flexíveis, que têm se mostrado incapazes de abarcar as especificidades impostas pelos fenômenos sociais.

Segundo o modelo de Planejamento e Gestão proposto por Anjos (2004), as etapas de um processo contínuo são ordenadas sistematicamente, incluindo: a Compreensão do Sistema Turístico, a definição de Estratégias de Perturbação, e a Implantação e Viabilização. Estas etapas devem ser

permeadas constantemente por outras duas: a Territorialização e o Monitoramento e Avaliação. Desta forma, o sistema territorial turístico deve ser compreendido como uma espécie de “retrato da realidade” daquele momento, a partir do qual se definem algumas estratégias de perturbação que, com sua viabilização e implantação, procuram causar reações e respostas deste sistema, em direção a uma nova configuração que exigirá uma nova compreensão do processo.

Fundamentado no exposto, esta pesquisa se organiza a partir do modelo de Planejamento e Gestão proposto por Anjos (2004), particularmente na etapa de Compreensão de um Sistema Territorial-Turístico. Este estudo pretende oferecer uma ampliação de abordagem que possa contribuir neste sentido, incluindo de maneira mais significativa a percepção dos usuários/consumidores destes espaços turísticos, que também são, antes de tudo, espaços das relações sociais. Entretanto, para a compreensão do sistema turístico e da percepção de seus usuários/consumidores, considera-se necessária a utilização de diversas linhas teóricas, no intuito de abarcar a complexidade do tema.

Deste modo, far-se-á uma busca em direção à complementaridade teórico-metodológica que possibilite a ampliação destas perspectivas por meio de um olhar humanista, buscando identificar os anseios e as percepções dos consumidores destes espaços, levando em consideração variáveis relacionadas à atratividade decorrentes das características físicas e da espacialidade de uma destinação turística - da mesma maneira que as características físicas do local são influenciadas por essa mesma subjetividade.

Neste contexto, a morfologia congrega os aspectos mais concretos e, portanto, mais visíveis e tangíveis do espaço, e a percepção, as informações sobre como o consumidor destes territórios turísticos se relaciona com os mesmos, ou seja, a atratividade que o espaço exerce sobre esse usuário, a forma como é visto e o que se espera dele. Conforme citam Ramalho e Sarmento (2004, p.07), o turista constrói um imaginário da destinação escolhida, construído “através da mídia, dos postais e dos guias (...) numa construção inventiva de lugares almejados”. Assim, a construção da imagem do lugar passa necessariamente pelas expectativas e pelos desejos de consumo, no campo da fantasia e da imaginação, em busca de prazer, satisfação e deleite.

Entretanto a instalação da atividade turística e de todo o seu aparato, como parte das próprias dinâmicas sociais relacionadas ao desenvolvimento de localidades e regiões, várias vezes tem determinado a alteração da mesma configuração e de padrões antes responsáveis pela atração que dado destino exerce (ou exercia) nos turistas, muitas vezes em torno de uma “mesmice homogeneizadora”. O desenvolvimento da atividade turística sem regulamentação pode ter como consequência a destruição dos mesmos lugares que são os “objetos do olhar do turista” (URRY, 1999, p. 66).

Não se trata aqui de negligenciar as evoluções e as melhorias necessárias, ou mesmo desejáveis, à infraestrutura, aos serviços, entre outros. Mas se trata de atender a esta demanda de mundialização técnico-informacional, contudo, sem excluir as características locais, sendo necessário manter um diálogo com a identidade, com a personalidade da destinação, apesar de sua modernização. Portanto se entende que tratar da sustentabilidade de destinos turísticos implica diretamente a manutenção das características então capazes de fomentar a instalação da atividade, as quais determinaram o surgimento do interesse, as quais foram capazes de atrair turistas, para então garantir o aumento do ciclo de vida do produto turístico, rumo a uma estabilidade que, ao mesmo tempo, não negligencie o caráter dinâmico do espaço e da cidade como produto das relações sociais.

O interesse pelo modo de vida ribeirinho, bem como pelos atributos da paisagem, fauna e flora amazônicos estão entre os motivos de procura destes destinos, atraindo principalmente estrangeiros, homens na faixa etária entre 26 e 35 anos, conforme Sebrae (2003). Neste contexto, o turismo de selva tem sido explorado principalmente pelos grandes hotéis de selva, no Estado do Amazonas, e por microempreendimentos comunitários no interior do Pará, muitas vezes sem conseguir atender às expectativas criadas, seja pela ausência de infraestrutura para recepção do turista, seja pela perda dos atributos naturais e culturais.

É nesse sentido que a Vila de Alter do Chão, em Santarém, Pará, emerge a partir do contexto teórico para a problemática desta pesquisa, sendo uma recente destinação turística na Amazônia que vem sentindo as consequências do desenvolvimento desta atividade - a mudança de suas características construtivas e, assim, morfológicas e paisagísticas, de tal maneira que alguns de traços cênicos/paisagísticos e culturais que exercem atratividade em dado segmento do mercado turístico parecem estar sendo perdidos.

O objetivo deste estudo é compreender como a morfologia urbana interfere na atratividade de uma destinação, tendo como referência o estudo de caso de Alter do Chão, no município de Santarém/PA.

Os procedimentos metodológicos adotados constituem-se no método de procedimento de estudo de caso e técnicas de documentação indireta (com dados de fontes primárias (sistematização de cartografia, fotografias) e secundárias (pesquisa bibliográfica, uso de fotografias dos turistas entrevistados) e direta (por meio de observação intensiva com a realização de entrevistas abertas semiestruturadas, de caráter qualitativo). A escolha do método de procedimento ocorreu em função de o estudo de caso ser uma investigação empírica que focaliza acontecimentos contemporâneos, dentro de um contexto (YIN, 2005) que visa entender “como” a morfologia urbana interfere na atratividade turística.

Os resultados da pesquisa indicam que grandes extensões de áreas naturais preservadas, pequenos aglomerados urbanos ribeirinhos, características rústicas, pequena densidade populacional e construída, gabaritos baixos, construções em materiais regionais, constituem-se nos atributos que caracterizam o imaginário dos turistas que visitam a Amazônia. Há uma tendência à progressiva diminuição do interesse turístico pela Vila, em decorrência à progressiva perda das características tradicionais.

A estrutura do artigo aborda inicialmente as relações econômicas, sociais e aspectos formais que se expressam no espaço turístico. No item três, discute-se a relação entre planejamento e gestão do espaço turístico, com foco na sustentabilidade da destinação, destacando-se a necessidade da manutenção de suas características originais e diferenciais. Os aspectos vinculados à imagem, ao imaginário e ao significado são explorados no quarto item, adotando-se a semiótica como recurso essencial para o entendimento das características concretas do espaço da cidade e da morfologia urbana. O item cinco contém uma descrição de Alter do Chão como destinação turística e o sexto apresenta os aspectos que caracterizam a percepção do espaço turístico da respectiva Vila. No último item constam as considerações e as sugestões para futuras pesquisas.

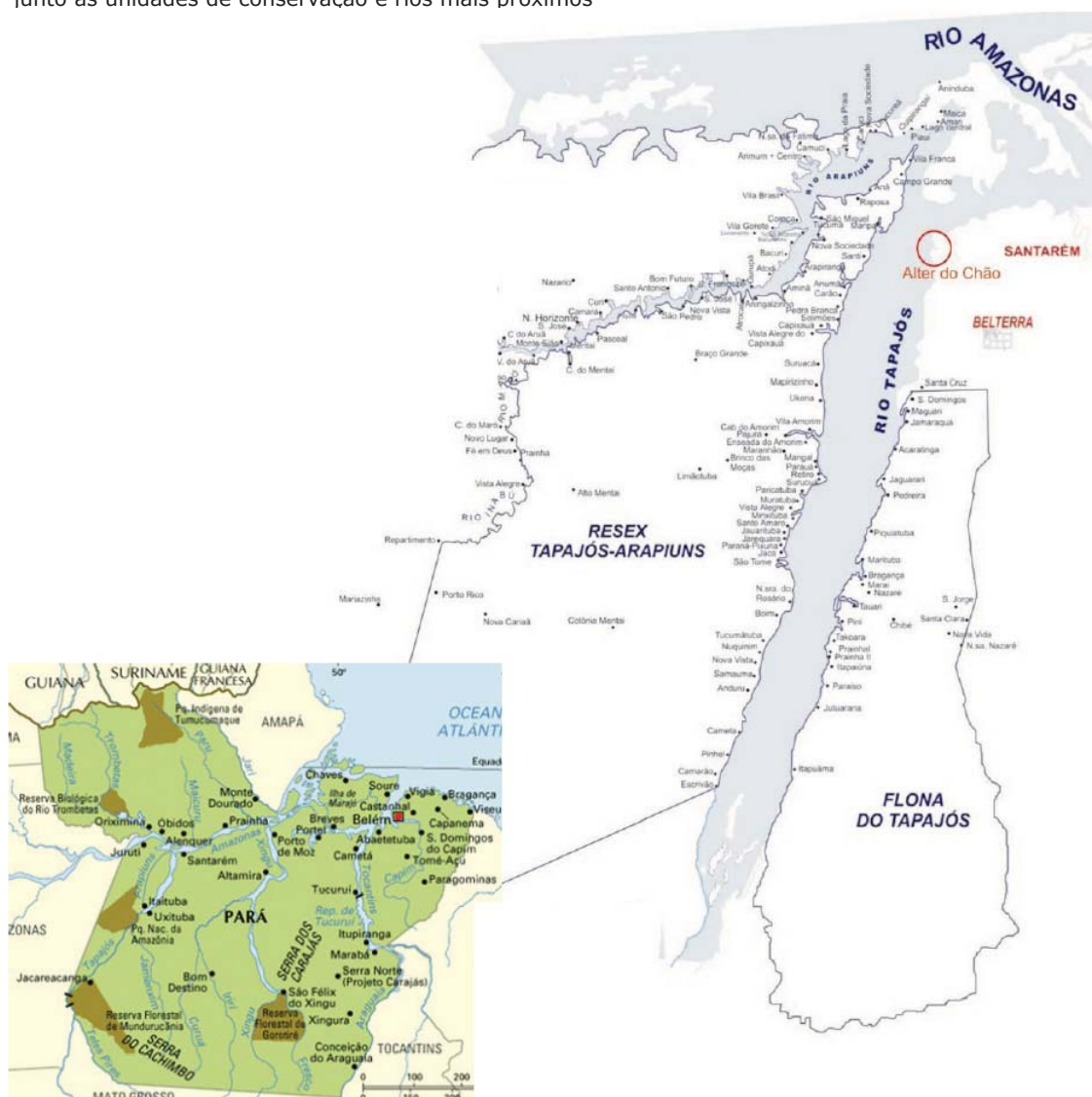
2 O ESPAÇO TURÍSTICO E SUA DIMENSÃO GEOGRÁFICA

O estudo do espaço turístico não pode ser feito sem que se leve em consideração as demais relações econômicas e sociais, que nele também se manifestam e coexistem (SANTOS, 1992). Desta forma, o espaço turístico, que também é espaço de outras manifestações, atua como reflexo de uma condição social, no qual cada processo social determina sua respectiva forma espacial (CORREA, 1995).

Assim, a atividade turística vem interferindo cada vez em mais localidades, convertidas em destinações, graças aos avanços obtidos nas tecnologias de transporte, que têm determinado a diminuição da importância da sua posição geográfica. Essas novas técnicas e tecnologias têm possibilitado crescentemente a dissociação locacional de diversas atividades, atuando como um dos possíveis fatores de dispersão citados por Santos (1992).

Na Vila de Alter do Chão (Figura 1), as alterações sofridas pelo modelo de ocupação, que tem no turismo um de seus indutores, podem demonstrar que o uso do espaço passou a ser determinado pelos interesses das classes dominantes que determinam a si próprias, a ocupação das áreas que julgam mais atraentes (CORREA, 1995), levando a transferências dos residentes originais (SANTOS, 1992) para áreas mais afastadas do interesse do capital, gerando desculturação da população tradicional, alijada de manter suas relações afetivas, sociais e produtivas com este espaço.

Figura 1: Situa Santarém e a Vila de Alter do Chão dentro do estado do Pará, assim como sua inserção junto às unidades de conservação e rios mais próximos



Fonte: Adaptado pelos autores a partir de imagem disponível em: <<http://www.sespa.pa.gov.br/Estado/geografia.htm>> e imagem cedidas no formato PDF, pelo Conselho Nacional dos Seringueiros na sede em Santarém, em Setembro de 2003.

Algumas mudanças notadamente marcadas nas tipologias das construções, nos materiais e técnicas empregados, na configuração e ocupação dos lotes na Vila de Alter do Chão podem sugerir que a chegada das “modernidades construtivas” tendem a determinar o abandono das características tradicionais, segundo o entendimento que a sociedade local possui sobre o que deve ser tratado e implementado como “melhoria” nas condições de vida e de habitação. No entanto, segundo Corrêa (1995), em alguns casos há a cristalização de áreas nas quais acontece a preservação da forma e do conteúdo, pela força de sentimento e pelo simbolismo, interferindo diretamente o uso da terra. Assim, esse impacto de sentimentos - sejam eles de retenção, atração ou resistência - se opõe à racionalidade econômica. Tal fenômeno pode ser identificado na Comunidade de Alter do Chão nas poucas residências de seus habitantes nativos ainda localizadas nas proximidades do rio e nas que ainda utilizam materiais e/ou técnicas tradicionais de construção, manifestando a força das raízes culturais que os relacionam.

Paralelamente à reflexão sobre o espaço e a sua formação, devido ao enfoque de nossa problemática de pesquisa, destaca-se Lamas (2004) por enfatizar a importância da distinção entre forma e morfologia urbana, muitas vezes tidas como sinônimas. De acordo com o autor, a forma da cidade é o objeto de

estudo da morfologia urbana, de modo que “só o cruzamento de diferentes leituras e informações poderá explicar um objeto tão complexo quanto a cidade” (LAMAS, 2004 p.37).

A diferença mais sensível entre os autores anteriormente citados está na maneira como a ‘forma’ está situada para a compreensão do espaço. Lamas (2004) entende que, sendo a forma resultado de diversos conteúdos histórico-culturais materializados, constitui o único elemento capaz de permitir tal leitura. Já para Santos (1996) essa leitura não é possível se realizada apenas por meio da matéria, ou seja, da ‘forma’, mas somente quando a mesma é animada pela sociedade, lhe conferindo um valor social, sem a qual a ‘forma’ não tem qualquer significado, ou seja, sem a qual não há espaço.

Estes dois posicionamentos, de certa maneira, conflitantes, possibilitaram o enriquecimento da análise em direção à problemática da pesquisa, de forma que as categorias de análise de Santos (1992) parecem permitir uma visão mais completa e mais crítica do espaço turístico, como espaço social, e sua formação. Isto cumpre com maior profundidade o que Lamas (2004) chamou de “cruzamento de diferentes leituras”, fornecendo o suporte para a compreensão da forma urbana como fator de atratividade em destinos amazônicos.

Assim, sem esquecer que a cidade “não poderá ser desligada de seu suporte geográfico” (LAMAS, 2004, p. 63), esta pesquisa pretende utilizar os fragmentos ou as partes constituintes da forma, identificados por Lamas (2004) como elementos morfológicos do espaço. Estes elementos morfológicos serão apresentados e descritos em sessão posterior, segundo sua classificação e sistematização pelo autor - o solo/pavimento; os edifícios; os lotes/parcelas fundiárias; o quarteirão; a fachada/plano marginal; o logradouro; o traçado/rua; a praça; o monumento; a árvore e a vegetação; o mobiliário urbano.

A apreensão da forma urbana, com suas características e objetivos estéticos, é essencialmente realizada por meio dos sentidos humanos perpassados por processos de juízo imbricados à percepção (LAMAS, 2004, p.58), de maneira que “apesar da forma não se resumir aos aspectos sensoriais – portanto perceptíveis – estes são determinantes na sua compreensão”.

3 TURISMO: PLANEJAMENTO E ESPAÇO

O planejamento como processo sistematizado é oriundo das engenharias, mas possui utilização em todas as ciências sociais aplicadas. Para Hall (2004, p. 24), o planejamento nada mais é que uma maneira de “tomada de decisões e elaboração de políticas”, com a definição de ‘caminhos’, de estratégias inter-relacionadas como componente de um processo mais amplo que inclui também sua implantação, ou seja, um processo de “planejamento-decisão-ação”.

Assim, planejar é uma ação que pretende ordenar, compreender e criar condições favoráveis para alcançar determinadas metas e/ou objetivos estabelecidos (RUSCHMANN, 2003). Neste âmbito, quando se tem em foco a atividade turística, o planejamento constitui-se no instrumento de desenvolvimento, a partir do qual se definem as prioridades de atuação, seja do ponto de vista do produto como também do mercado, além de estabelecer as diretrizes e os passos para regular e direcionar a atividade, em busca de seu crescimento equilibrado.

Anjos (2004, p. 57) expõe que, originalmente, dentro de uma ótica mecanicista, o planejamento constitui-se em uma ação precedente à sua implantação e gestão. Souza (2003, p. 46) afirma que “planejamento e gestão são distintos e complementares” e Anjos (2004) propõe que o planejamento e a gestão estejam integrados em um processo mais abrangente que permite a frequente passagem de uma a outra, por meio de monitoramento, possibilitando o estabelecimento de um processo contínuo.

Olivares (2000) trata da importância da relação territorial como base para o desenvolvimento de toda a atividade turística, a qual depende de deslocamentos e da existência de um local de origem e um destino para a visitação. “Se os territórios deixarem de ser uma produção de seus usuários, compromete o próprio processo de produção de capital no turismo” (ANJOS, 2004, p 154). Assim, embora planejamento espacial e planejamento turístico não tenham correspondência direta um no outro, são interdependentes.

A adoção dos preceitos da sustentabilidade para o planejamento determina antes de tudo uma mudança ideológica, a partir da qual, o desenvolvimento humano passa a ser o objetivo a alcançar,

o que não significa a prevalência de um dos sistemas sobre os outros, muito menos o abandono de um deles (SAMPAIO, 2000), mas passa a incluir a referida equidade e equilíbrio no desenvolvimento da tríade econômico/sociocultural/ambiental.

A determinação do planejamento turístico voltado à sustentabilidade como eixo principal em sua marcada complexidade demonstra a necessidade da inclusão dos diversos atores direta ou indiretamente envolvidos na atividade, por meio de seus representantes, segundo cita Hall (2004, p. 271), quando afirma que "é preciso haver tanta variedade na parte controladora quanto no sistema em si". Condição de representatividade esta corroborada por Anjos (2004, p. 11), que ainda cita a importância desta participação e representatividade do sistema turístico não apenas na definição do plano, das estratégias, mas também como condição *sine qua non* para o comprometimento na execução e a implantação do projeto.

Para Capra (2002), os sistemas sociais, dentre os quais o turismo está inserido, deve ser estudado sob quatro perspectivas: (1) a forma, que trata do padrão de organização do sistema, ou seja, a sua estrutura organizacional - semelhante à categoria estrutura de Santos (1992); (2) a matéria, que se refere à materialização desta estrutura - ou a categoria forma de Santos (1992); (3) o processo, como a conjunção dos elementos anteriores numa perspectiva temporal, processual - do mesmo modo que a categoria processo de Santos (1992); e (4) o significado, "como expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva" (CAPRA, 2002, p. 86) - sem correspondência analítica com as categorias propostas por Santos (1992).

Esta última perspectiva, ou seja, o significado, se aplica apenas aos sistemas relacionados ao domínio social, isto porque o autor define que "a nossa capacidade de reter imagens mentais de objetos materiais e acontecimentos parece ser uma condição fundamental para o surgimento das características da fundamentais da vida social" (CAPRA, 2002, p. 86).

Determinados aspectos da destinação que foram responsáveis por sua emergência como tal fazem parte da composição de uma imagem que chega ao seu mercado consumidor - aos turistas - antes mesmo do contato com o referido produto. Conforme afirma Bigné *et al.* (2001) em seu artigo que estuda a participação da imagem na satisfação do consumidor turista e, conseqüentemente, nas indicações e nas intenções de retorno ao mesmo, a imagem consiste na percepção individual e coletiva da destinação, como interpretação subjetiva do destino pelo turista, ressaltando sua importância para a satisfação da experiência turística como componente não-objetiva de seu sistema. Para os autores, essa imagem é um importante fator no que diz respeito ao papel dos planejadores-gestores de destinações turísticas, devendo ser alvo de especial atenção no sentido da garantia da comunicação das mensagens desejadas a respeito do local.

É neste momento que se pode caracterizar outra peculiaridade que interessa diretamente a este estudo, cuja relação de expectativas, compra e consumo, cria uma primeira imagem sobre o produto, que não é necessariamente a imagem real, mas sim uma imagem projetada segundo anseios do consumidor, informações difundidas na mídia, entre outros. Essa imagem projetada é confrontada com a imagem real do destino que só chega ao consumidor por meio da percepção das suas características verdadeiras *in loco*, permitindo equívocos no que tange à localidade, aos seus serviços e aos demais componentes do produto turístico. Chen (2000) refere-se ainda às diferenças nas interpretações de informações diversas segundo a diversidade de culturas que determina níveis e padrões de comunicação também particulares. Chagas (2010) e Chagas e Marques Júnior (2011), em estudo sobre imagem de destino turístico, no caso a cidade de Natal, concluíram que a imagem prévia dos destinos tinha reduzida influência direta na satisfação do consumidor, enquanto a imagem complexa, aquela originada depois da experimentação, exerce influência forte e direta no processo de satisfação e fidelização do cliente.

Diante do exposto, a capacidade de uma destinação turística em manter suas características originais e diferenciais é um movimento significativo em direção ao seu crescimento e à sua permanência como produto no mercado turístico: "a atratividade e o ambiente da estrutura física são vitais para seu sucesso econômico" (ALLISON, 2002, p. 350).

4 ESPAÇO, IMAGEM, IMAGINÁRIO E SIGNIFICADO

Falar da cidade como aglomeração humana implica tratar das relações humanas, das coisas que vemos e da forma como elas se estruturam. Para Hillman (1993, p. 42), a relação humana

que se dá ao nível do olhar “é uma parte fundamental da alma das cidades”, de maneira que é por meio dos encontros realizados ao nível deste olhar que acontece o conhecimento, a significação, o envolvimento emocional, ou seja, “o contato de alma” (p.42). É por meio do olhar e, assim, dos aspectos visíveis do espaço, que “lemos aquilo que vem ao nosso encontro” e também uns aos outros (p. 42), é desta maneira que é construído o lugar.

De fato, as relações humanas com o espaço incluem os laços com a memória e os lugares da “infância”, por exemplo. Mas também pode ocorrer de forma inversa quando da busca por mudanças de cenários e de significações, como se pode verificar na atividade turística. Em corroboração, Oliveira, Fernandes e Stach (2007, p.83), afirmam que “sendo primeiro contato do turista com o lugar visitado, podemos considerar que a paisagem está no centro da atratividade turística de uma localidade”. Assim, o desenvolvimento da atividade turística possui inesgotáveis elos com os cenários e os significados e os sentidos a eles atribuídos, na qual turistas são “praticantes de semiótica lendo a paisagem à procura de significantes” (URRY, 1999, p. 29). Do mesmo modo, o estudo de Oliveira, Fernandes e Stach (2007, p. 92) para a cidade de Irati, no Paraná, destaca que “A paisagem urbana [...] possui símbolos que podem e devem ser interpretados pelo turista, de forma que este possa descobrir a cidade, sua história, seus costumes, seu modo de vida, enfim, sua cultura”.

Conforme a teoria dos sistemas proposta por Capra (2002), citada anteriormente, na compreensão do domínio social da vida, são citadas as quatro dimensões sugeridas pelo autor que são: forma, matéria, processo e, finalmente, significado. Esta última enfatiza como pertinente apenas às relações entre seres humanos, ou seja, no âmbito das relações sociais. É nesse sentido que se torna possível estabelecer sua relação com o espaço anteriormente tratado: a dimensão do significado permeia o espaço, como produtor e produto social, da mesma forma como em todos os demais fenômenos sociais. Essa abordagem associa, para esta pesquisa, os aspectos formais da cidade, das ocupações humanas, ou seja, a morfologia urbana aos aspectos psicológicos e semiológicos despertados pelos primeiros.

Da mesma forma, nesta relação, o caráter temporal e processual não é menos importante, já que é na dimensão do processo que está a história que lhe deu origem, de maneira que “a cidade, então, é uma história que se conta para nós à medida que caminhamos por ela. Significa alguma coisa, ela [cidade] ecoa com a profundidade do passado. Há uma presença de história na cidade” (HILLMAN, 1993, p. 39). Dentro deste contexto, emerge a semiótica como ciência atrelada ao pensamento, à comunicação e à linguagem humana, que permeia todas as atividades de um ser humano e, assim, das relações estabelecidas com outros seres humanos e com o mundo ao seu redor. A semiótica, ou semiologia, estuda os signos e como estes se relacionam, ou seja, procura compreender como se dá a interpretação das coisas concretas ao nível das ideias e de suas representações. Para Santaella (2000, p. 09), “a semiótica peirceana é uma teoria lógica e social do signo”.

O signo pode ser entendido como veiculador de significados, constituindo uma ideia, uma representação mental das coisas do mundo real, ou seja, é uma imagem como uma cópia de objetos concretos. O processo fotográfico descrito por Kossoy (2002) é bastante elucidativo desse processo, na medida em que a fotografia aproxima-se do signo e o fotógrafo, do interpretante, mediador da leitura, da significação e da representação do real por meio desta dita “realidade secundária” por ele construída. Estudar a semiótica da imagem pressupõe estudar a imagem como representação e também a percepção da imagem como forma de linguagem, de modo que “a foto não é uma simples réplica da realidade em questão, mas sim uma transformação visual que deve ser novamente interpretada pelo observador a fim de assegurar a informação necessária” (SANTAELLA & NÖTH, 1998, p. 41). Isso permite dizer que os signos, e assim a semiótica, são inerentes ao pensamento humano, já que “todo pensamento se processa por meio de signos” (SANTAELLA, 2000, p. 09), sendo esse pensamento de natureza coletiva, elaborado e influenciado a partir dos filtros culturais, do conhecimento e da bagagem de um determinado grupo, de maneira que “a transmissão de significados constitui o fluxo intersubjetivo pelo qual circula a cultura” (EPSTEIN, 2001, p. 21).

Ou seja, a semiótica torna-se recurso essencial para o entendimento das imagens e dos imaginários urbanos criados, interpretados e projetados a partir de características concretas do espaço da cidade, assim como da morfologia urbana.

A respeito da mobilidade e da vulnerabilidade da forma, da cidade, Ferrara (1997, p. 193) afirma que “as imagens urbanas são signos da cidade e atuam como mediadores de seu crescimento”.

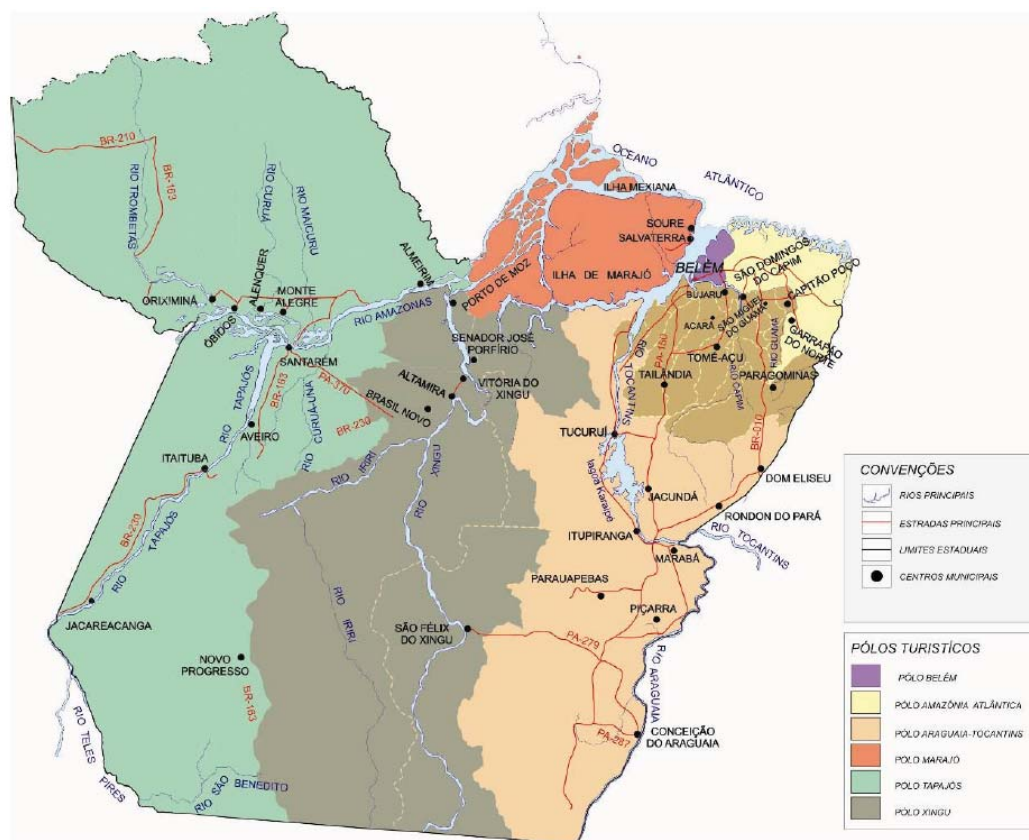
Essa ideia expressa em boa parte a importância da paisagem por meio da imagem que, depois de apreendida, torna-se signo da mesma, de maneira que as expressões culturais de seus residentes são traduzidas na configuração do espaço, e por que não dizer, na distribuição e no relacionamento dos elementos morfológicos de Lamas (2004).

Neste cenário, percebe-se a importância da paisagem urbana na estruturação das relações sociais entre seus habitantes, entre seus visitantes, da mesma forma que entre estes e a própria cidade. A idealização de uma imagem e a atribuição de significados acabam por refletir a relação estabelecida entre homem e natureza, bem como da própria sociedade e seu espaço como objeto de intervenção: "a paisagem é projetada e construída a partir de elaborações filosóficas e culturais que resultam tanto da observação objetiva quanto da experiência individual ou coletiva em relação a ele" (LEITE, 1997, p. 244) e vice-versa.

5 O CASO DE ALTER DO CHÃO (SANTARÉM-PA)

Situado no Estado do Pará dentro da área Amazônia Legal, o Polo Turístico do Tapajós inclui municípios da região oeste do estado. Dentro do Polo Tapajós, o município de Santarém, no qual está inserida a Vila de Alter do Chão, assume posição central na região oeste do estado, desempenhando um importante papel como centro regional. Localizada na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, a cidade de Santarém assume posição geográfica central em relação aos demais municípios do oeste paraense e também entre as capitais Belém e Manaus. Este município concentra a maior parte da infraestrutura turística da região oeste paraense, bem como as melhores condições de acesso, atraindo o fluxo turístico e atuando como um ponto de chegada e de distribuição para os demais municípios e microrregiões do turístico do Polo Tapajós (ver Figura 2).

Figura 2: Polos Turísticos do Pará



Fonte: Adaptado a partir de BAHIA, Mirleide Chaar. **Esporte e natureza: aproximações teórico-conceituais e impactos ambientais no Estado do Pará.** 2002.

Como um dos distritos componentes do referido município, a Vila de Alter do Chão está localizada à margem direita do rio Tapajós, em uma enseada que o une ao Lago Verde, e distante cerca de 27 km do centro da cidade de Santarém (SEBRAE, 2003). Localizada nas proximidades de duas grandes áreas de preservação ambiental, a Vila de Alter do Chão tem um importante papel tanto no contexto amazônico, quanto como destinação turística na região. Atualmente a vila é parte integrante de roteiros das mais importantes operadoras de ecoturismo do país, além dos roteiros propostos pelo Governo Federal por meio do Ministério do Turismo, e de ser ponto de parada previsto nas rotas de cruzeiros internacionais que transitam pelo Rio Amazonas. Constitui-se na referência turística mais marcante, na qual também está concentrado, além do acesso à cultura da região, grande número de instituições de pesquisa, organizações governamentais e não governamentais, que constituem importantes reservas intelectuais e financeiras.

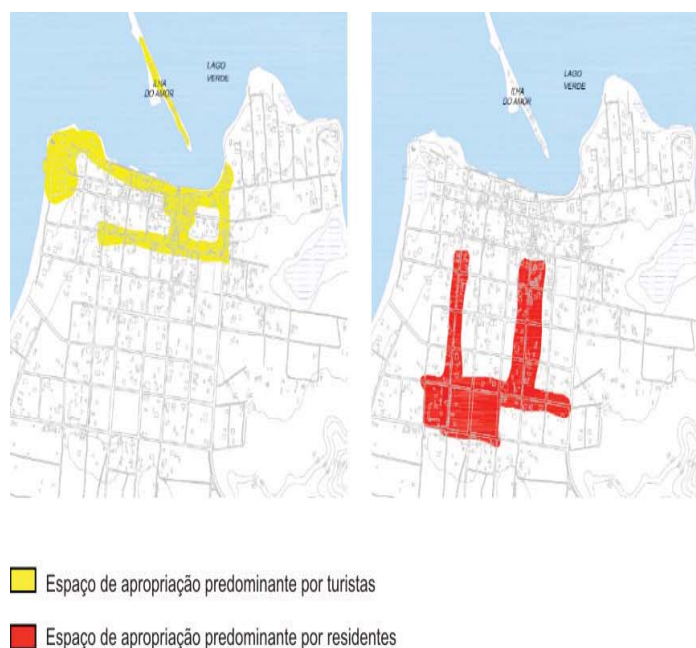
No entanto sua crescente valorização, aliada ainda ao advento da monocultura da soja na região, à venda das propriedades, à destruição de ambientes naturais e ao aumento da dificuldade para ter acesso aos materiais locais tradicionais da cultura do caboclo ribeirinho, tem resultado um crescimento desordenado do plano urbano da Vila, na mudança dos padrões construtivos, na perda de referências culturais materiais e imateriais e de seu ordenamento econômico predominantemente agrícola e extrativista. As profundas alterações ocorridas na Vila de Alter do Chão estão no centro das preocupações deste estudo, especialmente após a abertura da estrada, em face à grande diminuição da demanda dos navios de cruzeiros internacionais como um possível indicador para a perda da atratividade turística do destino.

Os primeiros movimentos turísticos em Alter do Chão estiveram notadamente marcados por um fluxo local direcionado do centro da cidade de Santarém e outras cidades do entorno para a mesma. Tal demanda, que inicialmente ocorria pelas vias fluviais, teve o fluxo aumentado com a construção da estrada PA-457 (Rodovia Everaldo Martins), ligando Santarém à Vila de Alter do Chão por 32 km de percurso terrestre. Tomando como referência que "(...) o desenvolvimento das tecnologias de transporte [entre outros] (...) foram fatores fundamentais para a democratização do turismo" (LUCHIARI, 2001, p. 113), a sua construção na década de 70 se tornou o marco mais sensível na alteração da dinâmica urbana da referida localidade.

Dentro deste contexto, pode-se observar o início de um movimento da população local em direção à periferia da Vila, com menos infraestrutura urbana, induzindo o surgimento de novos bairros que mais se assemelham a favelas. Essas outras comunidades são formadas basicamente por antigos moradores de Alter do Chão que venderam suas propriedades e compraram outros terrenos ao longo da rodovia, distantes das margens do rio. Percebe-se a alteração dos padrões construtivos (tamanho e altura das edificações), abandonando as técnicas e aos materiais tradicionalmente utilizados por essa população.

Essa alteração nas relações socioeconômicas se manifesta na conformação de duas centralidades (Figura 3) na Vila: uma mais pertinente e permeável aos turistas, especialmente no que se refere à moradia e ao comércio básico – localizada ao longo da orla, e no entorno da praça da igreja matriz; e outra, mais permeável aos habitantes locais – localizado no entorno da Praça do Sairé e ao longo da rua asfaltada que dá acesso a mesma.

Figura 3: Centralidades dos turistas e residentes



Fonte: Os autores.

6 PERCEPÇÃO DO ESPAÇO TURÍSTICO DA VILA DE ALTER DO CHÃO (SANTARÉM/PA)

Sendo as mudanças na atratividade do destino e o papel da morfologia urbana o objeto central deste estudo, esta seção vem contribuir sobremaneira em direção à resposta de nossa questão de pesquisa, uma vez que discorre sobre a percepção dos usuários do espaço da Vila de Alter do Chão, sobre seus elementos constituintes, sejam eles fixos ou fluxos.

As entrevistas abertas realizadas foram orientadas a partir de um roteiro flexível segundo as necessidades da pesquisa e que permitiram que os entrevistados pudessem expressar-se livremente. Foram incluídas questões como a descrição das fotografias, bem como seus elementos de destaque, a obra de requalificação da praça e da orla em execução, além do imaginário sobre a Vila de Alter do Chão e de seus elementos mais marcantes. Foram realizadas 8 entrevistas com turistas oriundos de outras regiões do país ou de outros países, além de outras 8 com os residentes nativos, que não foram objeto deste artigo. As mesmas foram gravadas, transcritas e tiveram seu conteúdo tratado utilizando procedimento metodológico adaptado a partir do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC (LEFEVRE & LEFEVRE, 2000), tendo sido incluída uma categoria específica em atenção ao objeto de estudo – Elementos Morfológicos e Socioculturais – e seus resultados apresentados em síntese coletiva e não mais, na primeira pessoa.

Assim, as cinco fotografias cedidas por cada turista entrevistado, além das próprias entrevistas abertas semiestruturadas realizadas sobre o argumento das imagens fotografadas, forneceram informações diretas e indiretas sobre significados, imagens, imaginário relacionado à Vila.

No caso das fotografias apresentadas por turistas, aparecem amigos que viajam juntos, alguns dos residentes da Vila com os quais foi estabelecido algum laço afetivo, ou ainda algum personagem tradicional mais como registro de figuras típicas de uma aventura amazônica, tais como catraieiros e pescadores. Também aparecem os residentes em apresentações nas festas e seus ensaios e rituais – Festa do Sairé, Dia do Índio – assim como as crianças em ambiente escolar ou em suas brincadeiras e atividades ao ar livre.

Em sua maioria, constituem registros de paisagens locais, cenas de pesca, pôr-do-sol, barcos, rio, “Ilha”, morro, Ponta do Cururu, igapós, trechos da orla, igarapés, entre outros. Tal é sua importância

neste contexto que o turista muitas vezes apresenta a paisagem sozinha, como argumento principal do registro, e quando o turista procurar fazer parte, incluir-se nesse registro, ele procura integrar-se ao contexto natural mais como registro de que lá esteve e que usufruiu do lugar. Henz e Oliveira (2010) identificam em seu estudo que os atrativos naturais e artificiais ocupam a hierarquia máxima dentro do sistema turístico estudado, destacando o potencial da paisagem como elemento a ser explorado para a atividade turística local.

Da mesma forma, nestes registros fotográficos (do turista) também são incluídos animais e plantas coloridos, esquisitos, em tamanhos e formas não imaginados, além de frutas e árvores gigantes. Também são objetos da atenção de suas câmeras a intermitência da paisagem natural e sua transformação gradual à medida que o rio enche ou seca.

Em todos os casos anteriores das fotografias de paisagens e elementos naturais dos turistas parece haver embutida, caso as observemos simultaneamente a entrevistas, uma preocupação ambiental como registro do que está se perdendo, se acabando, como se por meio destes registros fosse possível a "ideia da preservação integral e inalterável do passado" a que se refere Dubois (2003), quando traça um paralelo entre teorias freudianas e fotografia.

Vários dos turistas entrevistados estavam no destino além da primeira vez, tendo citado entre os motivos de tantos retornos as amizades feitas. Os turistas também incluem imagens de pessoas da comunidade, em um respeitoso tom de afeto, amizade ou admiração. Por diversas vezes as fotos apresentam traços marcantes da cultura local entre os quais, redes, barcos, malocas, lavação de roupa nos rios, lazer das crianças e das famílias nos igarapés e nas praias da região, entre outros, cenas são enquadradas propositadamente, como objeto principal de suas lentes. Ao que parece, esse registro das vivências e experiências junto à população local se dá num esforço de registrar, coletar amostras da vida local, do desempenho das atividades cotidianas, de seu ritmo e de capturar simultaneamente as sensações descritas, como paz; tranquilidade; clima receptivo e amigável; sensação de estarem "isolados", "perdidos", "esquecidos" dos seus mundos e dos problemas e estresses que vêm com eles.

Embora os turistas utilizem o argumento de registro histórico, essa característica de memória parece estar mais vinculada às alterações na paisagem natural e no crescimento desordenado da Vila. As fotografias parecem passar de "imagens latentes a imagens manifestas, estas podendo ser imagens (ou lembranças) de projeção, imagens deslocadas, transferidas, condensadas, manipuladas por todas as formas de trabalho da dinâmica psíquica" (DUBOIS, 2003, p. 321). As fotografias parecem mais que simplesmente registrar paisagens ou cenas cotidianas, parecem sim descobrir o lugar de diferentes ângulos, parecem testar à luz dos diversos momentos do dia, parecem procurar detalhes especiais, enfatizar as diferenças com relação ao seu local de origem, especialmente por meio de tudo que lhes parecer inusitado, diferente ou desconhecido.

Esse olhar pouco acostumado parece denotar nas cenas fotografadas certo encantamento com a paisagem, com a exuberância da natureza, com a simplicidade da vida local, chegando algumas vezes a ser praticamente uma descrição poética, romântica do lugar, implicando que "sempre haverá invisível na imagem. (...) a foto sempre será assombrada. Sempre será em (boa) parte, uma imagem mental" (DUBOIS, 2003, p. 326).

Nas imagens selecionadas pelos entrevistados são quase inexistentes os apelos ao consumo ou ao capitalismo, expressos normalmente por meio da apresentação e da exibição de posses, roupas, acessórios, equipamentos, eletrodomésticos e eletroeletrônicos, veículos, casas, móveis, etc. No caso dos turistas, esse fato ganha um reforço de significado com fotografias que parecem pretender "defender" o lugar, o "paraíso" local, com poucas necessidades materiais agregadas, exceto as próprias câmeras fotográficas.

Isso pode nos fornecer um novo indício do motivo pelo qual a maioria das cenas registradas e selecionadas por residentes se dá ao ar livre, no espaço público. Este fato pode ainda indicar que na Vila de Alter do Chão o espaço público de alguma forma ainda se sobrepuja à propriedade privada (neste caso, não se está levando em conta os proprietários de segunda residência que parecem ter comportamento contrário e que não foram abordados nas entrevistas). Entretanto, apesar de serem imagens ao ar livre, ao contrário dos residentes, poucas vezes aparecem as áreas urbanas da Vila, e quando estes locais aparecem, normalmente estão restritos à praça, à casa de hospedagem, às barracas da "Ilha", ou, no máximo, aos locais próximos, como, por exemplo, a esquina do açai.

Com relação às festas (Festa do Sairé, por exemplo), os turistas percebem esse compromisso como crescentemente comercial, demonstrando certo repúdio à sujeira, ao lixo, ao barulho, à superlotação, às barracas na praça, afirmando que a festa deixa muito poucos benefícios à Vila e à comunidade, sendo esta festa usufruída predominantemente pela população de Santarém e Manaus.

Conforme frisado anteriormente, esses turistas demonstram interesse pelo ritmo de vida menos apressado e estressado da Vila, pela simplicidade das construções e do modo de viver, valorizando e reconhecendo na comunidade esse esforço em resgatar e fortalecer sua cultura, entre outras coisas, por meio das festas e do artesanato.

A receptividade aos turistas, seus hábitos, religiões e todo o tipo de intercâmbio cultural, afirmada pelos residentes durante as entrevistas, é citada pelos turistas como uma importante característica local para o interesse turístico, chegando a descrever e estabelecer laços afetivos semelhantes aos laços familiares com alguns dos residentes e vice-versa.

Uma preocupação de cunho sociocultural foi citada por um turista, relatando os problemas, especialmente relacionados aos jovens do local, como o alcoolismo. O turista chega a traçar um paralelo sobre diversos episódios históricos em que o alcoolismo atingiu algumas populações indígenas pelo mundo. A complexidade deste tema exigiria um profundo estudo histórico e antropológico das relações estabelecidas entre populações indígenas colonizadas e o alcoolismo, o que não é objeto deste estudo.

Dentre os elementos da paisagem mais marcantes como identificadores de Alter do Chão, foram destacados por residentes e turistas a "Ilha" com sua praia e o morro da Serra Piroca ao fundo, tendo sido incluídas pelos turistas também as barracas e todo o restante do conjunto cênico formado pelo Lago Verde e pela enseada do Rio Tapajós.

O rio é um dos elementos mais fortes pelas citações nas entrevistas realizadas com turistas. A primeira referência feita tem relação com o impacto visual do tamanho de um rio e torna-se recorrente a sua comparação com o oceano, com o mar, incorporando aí a beleza da cor da água e também associando ideias de abundância em água doce, já escassa em diversas localidades do mundo. Além disso, são feitas observações a respeito das diversas formas pelas quais este rio determina o ritmo e o modo de vida no local, seu papel determinante nos fluxos, no transporte, na acessibilidade à própria Vila e aos locais no entorno. Nos depoimentos dos turistas é enfatizado que o rio é, ao mesmo tempo, atração turística com a praia de águas mornas, "como um banho"; e de outro lado, é também fonte de alimento, subsistência da população.

Os turistas afirmaram nas entrevistas gostar de fotografar, registrar e observar plantas e animais e sua existência presente, incluindo o registro das mudanças para comparações futuras das perdas ambientais, talvez também como tentativa de resistir ao tempo e aos lapsos de memória, de modo que o "tempo fotográfico recompõem o tempo da memória, alheio ao tempo cronológico" (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 12). Se dá, assim, uma valorização destacada dos cenários naturais, quase não se referindo à parcela urbana da Vila, sendo que, quando essa referência acontece, é majoritariamente negativa.

Provavelmente essa percepção negativa da porção urbana da Vila por parte dos turistas entrevistados tenha íntima relação com a declaração dos residentes que relatam a perda do patrimônio construído da Vila, especialmente no caso das formas de baixa permanência, ou seja, nas casas de taipa, palha e madeira, normalmente propriedades dos locais.

Essas mudanças nas paisagens urbanas e essas tendências homogeneizadoras são citadas pelos turistas como causas de uma progressiva perda de interesse pelo lugar. Dentre as mudanças citadas estão a perda da identidade e das belezas naturais, o excesso de uso de asfalto, cimento, entre outros afirmando que querem ver no destino "o verde" e não o concreto. Entretanto, conforme identificado no estudo de Concu e Atzeni (2012), estimando as preferências de residentes e turistas, identificaram que diversas vezes há conflito de preferências, criando um descompasso entre oferta e demanda, que precisa ser ajustado para promover melhorias na estratégia de desenvolvimento turístico.

Os comentários mais negativos no que tange às construções e às suas características morfológicas foram feitos por turistas, de forma que houve recorrentes referências negativas às construções mais altas, às que ocupam todo o lote e retiram toda a vegetação, assim como as construções que

não levam em consideração a utilização de uma linguagem tida como regional em sua tipologia e partido. Dentre as construções que mais aparecem citadas dentro desse discurso, pode-se citar o Hotel Mirante, localizado na orla de Alter do Chão, com vista para a "Ilha".

Assim, observa-se nos discursos dos turistas que estes não são contrários às melhorias, desde que estas sejam realizadas dentro de um planejamento e execução mais condizente, adequada e integrada à realidade local, assim como ao cenário natural.

Neste âmbito, são valorizadas as construções que conseguem manter e associar-se à parte da vegetação do lote, considerando negativo o atual hábito local de desmatar todo o lote para inserção da construção. Estes logradouros arborizados, mesmo quando existem construções nos lotes, favorecem um estilo de vida também valorizado pelos turistas entrevistados. Voltado para a realização de tarefas e encontros ao ar livre, as construções consideradas com linguagem regional adequada deveriam privilegiar o uso de redes, as áreas de varandas, as construções abertas, o uso de materiais construtivos e de acabamento regionais - dentre os quais a madeira, a taipa e a palha -, mantendo traços culturais como argumento fundamental de seu partido. Desta maneira a Vila se manteria, na opinião dos turistas entrevistados, mais natural e mais rústica.

Da mesma forma, os turistas ainda acreditam que essas características deveriam transbordar o interior das casas e das propriedades privadas para o espaço público por meio da valorização e do incentivo ao caminhar a pé; à utilização de bicicletas e canoas em contraposição aos automotores, lanchas, *jet-skis* e o consequente aumento da área asfaltada/cimentada e dos riscos aos banhistas.

Ainda segundo os relatos dos turistas, o que mais chama a atenção na Vila de Alter do Chão, que não era esperado em uma destinação amazônica, é a água clara e as areias brancas. A esse respeito também destaca a beleza, as luzes e as cores do pôr-do-sol quase como "espetáculo" que acontece todos os dias, alguns chegam a descrever o pôr-do-sol e o nascer da lua que acontecem simultaneamente.

7 OUTRAS CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES PARA NOVAS PESQUISAS

No caso da Vila de Alter do Chão como uma destinação amazônica, tornou-se perceptível que não havia um imaginário específico da Vila, mas sim uma expectativa relacionada à Amazônia em geral. Desta maneira, a percepção do ambiente amazônico como majoritariamente natural, ocupado por populações indígenas ou caboclas que convivem e integram-se harmonicamente ao meio natural, determinam um imaginário de urbanidade mais simples, esparsa, rústica, mais suave e imbricada às características naturais. Nesse sentido, o papel do alcance das campanhas publicitárias, das mídias e do material de divulgação produzido parece ter papel relevante tanto no que diz respeito à formação do imaginário sobre a Amazônia, quanto na ausência de um imaginário específico sobre a Vila de Alter do Chão.

Deste modo, muitas das expectativas com relação às construções nestas destinações turísticas localizadas na Amazônia estão relacionadas à presença e à conciliação com as árvores e a vegetação, com adensamento baixo a moderado e com a utilização de materiais regionais. Assim, toda a composição dos elementos morfológicos passa pelo estabelecimento de uma paisagem bucólica, de vilarejo, como a busca de mudança de rotina desejada pelo turista.

Entretanto muitas dessas características vêm se perdendo com o advento da mesma atividade que as valoriza: o turismo. A ascensão da localidade como destinação turística impulsionada pela melhoria das condições de acessibilidade determinou a valorização da terra, a construção das casas de segunda residência, hotéis e a mudança dos modos de produção local, contribuindo no sentido de uma tendência homogeneizadora de paisagens. A destinação turística a partir de sua valorização e maior visibilidade consolida-se também como mercadoria imobiliária a ser negociada e consumida segundo parâmetros da maior rentabilidade, bem como da maior velocidade na obtenção do lucro advindo da atividade turística, da compra/venda dos imóveis e dos terrenos, das construções, da pressão sobre o Poder Público municipal no sentido da ampliação dos índices construtivos locais, não importando as consequências para a localidade, para a população, para os ecossistemas ou mesmo para a sustentabilidade da atividade turística.

Desta forma, a prerrogativa do desenvolvimento turístico, em modalidades de baixo impacto, deveria levar como princípio fundamental a manutenção das características culturais originais da localidade, assim como de suas características naturais. Para tal, o estabelecimento de áreas de proteção – de preferência em unidades de conservação implantadas, geridas e fiscalizadas – e do plano diretor municipal que leve em conta os limites da sustentabilidade natural e cultural e também estabeleça limites e critérios para a ocupação da área urbana da Vila tornam-se fundamentais.

Estabelecer uma política de incentivos à utilização de materiais e linguagem regional, adequados à cultura local, também parece salutar. Mas, inicialmente, faz-se necessário que o próprio Poder Público como um dos agentes da formação espacial planeje mais cuidadosamente as intervenções a serem construídas e as implicações que estas intervenções causarão na paisagem local. Da mesma forma, é necessária a ampliação e a integração dos esforços de gestão associados a um planejamento urbano adequado como um modo de impedir abusos de autoridade e poder, por meio de um processo de educação e fiscalização que façam valer a legislação vigente e que possibilite sua construção consciente e participativa, conforme prevê o Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001).

Cabe aqui ressaltar a importância e a possibilidade de generalização analítica a partir de um estudo de caso, de modo que, no que diz respeito a esta pesquisa, foi possível observar a evolução do objeto de pesquisa, inicialmente fundamentada nas relações simbólicas do espaço da referida Vila de Alter do Chão, tendo se ampliado no sentido de resultados mais abrangentes, relacionados a destinações amazônicas de uma forma geral.

Como possibilidade para futuras pesquisas, sugere-se a investigação acerca do mesmo tema, entretanto com diferentes subgrupos de usuários deste espaço, sejam eles residentes ou turistas. Outras possibilidades de pesquisa relacionam o detalhamento da ocupação da Vila e sua cronologia; aprofundamento nas tipologias construtivas tradicionais locais e suas alterações até a atualidade; pesquisas aplicadas sobre o desempenho e a eficiência dos materiais construtivos regionais; relação das campanhas publicitárias e turísticas sobre a Vila de Alter do Chão e sobre a Amazônia, com as expectativas despertadas por elas e com o que é de fato oferecido na destinação turística e, ainda, a conversão dos indicadores obtidos por esse estudo, no sentido da definição dos parâmetros urbanísticos considerados aceitáveis pelos usuários/consumidores deste espaço.

Também seria salutar investigar nas principais origens dos turistas a respeito do conhecimento ou não do destino, do interesse pelo local, do imaginário e das expectativas envolvidas caso fossem ao lugar. Outra possibilidade é entrevistar turistas de determinado grupo/perfil na chegada dos voos, navios de cruzeiros e barcos em Santarém (que costumam fazer a ligação entre Belém e Manaus com Santarém para muitos turistas internacionais), antes da chegada e posteriormente à sua visita, no intuito de buscar melhor estabelecer comparações entre o imaginário (anterior) e a percepção da imagem (posterior).

Além disso, outras inúmeras possibilidades de pesquisa estão na ampliação da utilização de imagens fotográficas, ou mesmo outras categorias de imagens, nas pesquisas sobre a percepção urbana e as atribuições simbólicas relacionadas.

REFERÊNCIAS

ALLISON, Gerald. Lugares especiais em lugares especiais. In: GOELDNER, Charles R.; McIntosh, Robert W.; RITCHIE, J. R. (Orgs.). **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. São Paulo: Bookman, 2002.

ANJOS, Francisco Antônio dos. **Processo de planejamento e gestão de territórios turísticos: uma proposta sistêmica**. [Tese de doutorado, apresentado ao programa de pós-graduação em engenharia de produção da Universidade Federal de Santa Catarina]. Florianópolis: UFSC, 2004.

BIGNÉ, J. Enrique; SÁNCHEZ, M. Isabel; SÁNCHEZ, Javier. Tourism image, evaluation variables and after purchase behaviour: inter-relationship. **Tourism Management**. No. 22. [S.l.]: Elsevier Science Ltda, 2001. p 607-616.

BRASIL. **Lei Federal no. 10.257** – Estatuto da Cidade, 10 de Julho de 2001.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix, 2002.

CHAGAS, Márcio Marreiro das; MARQUES JÚNIOR, Sérgio. Análise da relação causal entre imagem de destinos, qualidade, satisfação e fidelidade: um estudo de acordo com a percepção do turista nacional no destino turístico Natal. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, Vol. 13, Nº 2, mai-ago. 2011. p. 274-275.

CHAGAS, Márcio Marreiro das. **Análise da relação causal entre imagem de destinos, qualidade, satisfação e fidelidade**: um estudo de acordo com a percepção do turista nacional no destino turístico Natal. [Dissertação de Mestrado, apresentado ao programa de pós-graduação em Turismo]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

CHEN, Joseph S. Cross-cultural differences in travel information acquisition among tourists from three Pacific-Rim countries. **Journal of Hospitality & Tourism Research**. Vol. 24. Nº 2. [S.l]: International Council on Hotel, Restaurant and Institutional Education, 2000. p. 239-251.

CONCU, Nanni; ATZENI, Gianfranco. Conflicting preferences among tourists and residents. **Tourism Management** 33, 2012. p. 1293-1300.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. Série Princípios. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7. ed. Campinas (SP): Editora Papirus, 2003.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. Série Princípios.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. p 193-201.

HALL, Michael. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto, 2004.

HENZ, Aline Patrícia; OLIVEIRA, Josildete Pereira de. A paisagem como um potencial turístico de Foz do Iguaçu: um estudo exploratório da paisagem do Parque Nacional do Iguaçu e da Usina Hidrelétrica de Itaipu. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, Vol. 12 - nº 2, mai-ago 2010. p. 172-183.

HILLMAN, James. **Cidade & alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 3. ed. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2002.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2. ed. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbekian, 2004. cap I e II. p. 17-129.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; TEIXEIRA, J. J. V. (Orgs). **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul (RS): Educs; 2000.

LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. Natureza e a participação social: uma nova estética. In: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs). **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997. p 239-247.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: BRUHNS, Heloísa Turini; LUCHIARI, Maria Teresa D.P.; SERRANO, Célia (Orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p 105-130.

OLIVARES, Diego López. El espacio turístico y el sistema turístico: los recursos territoriales turísticos. In: _____. **La ordenación y planificación integrada de los recursos territoriales turísticos**. Madrid: Universidade Complutense, 1997. Cap. 1, p. 31-67.

OLIVEIRA, Josildete Pereira de; FERNANDES, Diogo Lüders; STACH, Claudia. A paisagem urbana como recurso turístico: um estudo da paisagem edificada de Irati – PR enquanto atrativo turístico. **Turismo - Visão e Ação**. Vol. 9, Nº.1, jan-abr. 2007. p.83-94.

RAMALHO, Rodrigo Filho; SARMENTO, Maria Emília C. Turismo, lugar e identidade. In: Encontro Anppas, II. 2004, Indaiatuba (SP). **Papers Apresentados nos Grupos de Trabalho**. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/index.html#15>. Acesso em: 15 de agosto de 2006.

ROCHA, Ana Luiza C.; ECKERT, Cornélia. Imagens do tempo nos meandros da memória. In: KOURY, Mauro Guilherme P. (Org.). **Imagem e memória: ensaios em antropologia visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. p. 07-40.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. – (Coleção Turismo).

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Gestão Organizacional Estratégica para o Desenvolvimento Sustentável: uma metodologia alternativa para o planejamento turístico sustentável. **Turismo: Visão e Ação**. Itajaí, Vol 3, nº 6, p.97-115, abr/set, 2000.

SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Luminuras, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.
Serviço Brasileiro de Apoio às micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-PA). Regional Santarém – Centro de Resultados de Turismo. **Plano de Desenvolvimento Turístico Comunitário de Alter do Chão e Caranazal**. Santarém: [s.n.], 2003.

SOUZA, Marcelo. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p 45-55

URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: Sesc/ Studio Nobel, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.